



## **O ENSINO DA HISTÓRIA REGIONAL E LOCAL DE TOLEDO/PR NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Leandro de Araújo Crestani- UTFPR– [leandrocrestani@hotmail.com](mailto:leandrocrestani@hotmail.com)

Henry Charles Albert David Naidoo Terroso de Mendonça Brandão (Professor orientador)–  
UTFPR – [henrybrandao@utfpr.edu.br](mailto:henrybrandao@utfpr.edu.br)

### **RESUMO**

O presente estudo analisa o ensino de História Regional e Local nos anos iniciais do Ensino Fundamental da Rede Pública Municipal de Educação de Toledo, na região Oeste do Estado do Paraná. Trata-se de um material específico para o Ensino de "Historia Regional e Local" que reproduz a história da elite do referido município e a análise aqui empreendida se contrapõe ao ensino de História Oficial que valoriza o *protótipo* do pioneiro como herói. Busca-se, nesse estudo, reinterpretar o passado da colonização do município sob a ótica dos colonos que foram excluídos da memória oficial, com perspectiva de desenvolver um material didático para ser utilizado em sala de aula como o instrumento pedagógico para trabalhar com os alunos. A opção pela História Regional e Local como objeto de análise neste estudo visa, inicialmente, confrontar, identificar, compreender, recuperar e tirar do silêncio memórias que ficaram por muito tempo esquecidas na versão da História Oficial. Tem-se assim, como pano de fundo, a luta por um ensino de História Regional e Local que não reproduza aos educandos a ideia de que o processo de colonização da cidade se deu de forma linear, sem contradições nem conflitos, um ensino que visa impor a versão dos acontecimentos sob a ótica dos vencedores e que ainda hoje e que é ensinado na rede municipal de Educação de Toledo e que na maioria das cidades está intrinsecamente ligada a versão do "pioneirismo".

**Palavras-chave:** Localidade, História da regionalidade, Pioneiro, Toledo.

### **1.INTRODUÇÃO**

No presente estudo, pretendeu-se analisar o Ensino de História Regional e Local nos anos iniciais do Ensino Fundamental da Rede Pública Municipal de Toledo, região Oeste do Estado do Paraná. Utilizou-se a partir disso o livro didático *Conhecendo Toledo*, empregados no 3º e no 4º ano do Ensino Fundamental, da *Cartilha de Toledo* (1985) e da obra *Toledo e seus Distritos: repensando os Distritos de Toledo* (1986). Ambos são referenciais pedagógicos que se constituem neste trabalho como objeto de análise. Parte-se do princípio de que estes materiais, visam reproduzir a história oficial do

município sob o ponto de vista de um grupo hegemônico, que detém o poder político municipal.

Com base nesse argumento, buscou-se uma abordagem analítica e metodológica da História Regional e Local com vistas a desconstruir o ensino de História Oficial, fortemente pautada no protótipo do pioneiro como “herói” e primar por uma abordagem que possibilite reinterpretar o passado colonial de Toledo sob a ótica dos colonos excluídos da memória oficial. Essa linha analítica se pauta na ideia de dar sustentação teórica à formulação de material didático para ser utilizado em sala de aula, como instrumento pedagógico.

Nesta perspectiva, a pesquisa pretende contribuir com o desenvolvimento de estudos acerca do ensino de história regional e local que estejam pautados na ótica da desconstrução da memória oficial, área de pesquisa ainda pouco explorada. Algumas publicações no Oeste do Paraná visam descrever a história dos municípios e, na maioria dos casos, reforçam as imagens e os discursos produzidos pelas empresas colonizadoras (ou pelo Estado), contribuindo, dessa forma, para a preservação de determinados estereótipos sobre a formação econômica, social e política do Oeste do Paraná.

Na maioria dos estudos sobre o processo de colonização dos municípios do Oeste do Paraná, há o predomínio do discurso oficial dos donos do poder local, no caso da História do município de Toledo, esse discurso se faz presente nos livros do “Conhecendo Toledo”.

A opção pela História Regional e Local como objeto de análise, visa, inicialmente, confrontar, identificar, compreender, recuperar e tirar do silêncio memórias que ficaram por muito tempo esquecidas na versão da História Oficial. Para tanto, o professor tem o papel fundamental de desenvolver em sala de aula um ensino de História Regional e Local que não reproduza aos educandos a ideia de que o processo de colonização da cidade tenha se dado de forma linear, sem contradições nem conflitos.

Nos livros da série “Conhecendo Toledo” há uma tentativa de impor a versão dos acontecimentos sob o ponto de vista dos vencedores, neste caso, apontando a versão somente dos “pioneiros” da Industrial Madeireira Colonizadora Rio Paraná Ltda. – MARIPÁ.

Há outras publicações que, partindo desse mesmo ponto de vista, descrevem a história de município de forma unilateral, como as obras de Ondy Helio Niederauer (1992) e Oscar Silva (1988) que reforçam as imagens e os discursos produzidos pelas empresas colonizadoras (ou pelo Estado), contribuindo, dessa forma, para a preservação de determinados estereótipos sobre a formação econômica, social e política do Oeste do Paraná.

Observa-se assim, que o ensino de História Regional e Local não favorece a construção de problematizações e a apreensão das várias histórias que estão baseadas em distintos sujeitos da história, bem como as memórias que foram silenciadas, que não foram institucionalizadas sob a forma de conhecimento histórico, mas somente o ponto de vista da versão oficial. Considerando esse panorama inicial de observação, objetiva-se desenvolver uma metodologia que trabalhe a História Regional e Local nos anos iniciais do Ensino Fundamental na Rede pública municipal de Toledo, na ótica de contribuir para uma compreensão “múltipla” da História do Município de Toledo. Além disto, buscou-se ainda de descrever o ensino de História Regional e Local e trabalhar na perspectiva de desenvolver uma memória plural, distinta da memorial oficial ensinada em sala de aula.

## **2. ENSINO DE HISTÓRIA REGIONAL E LOCAL**

### **2.1 O Ensino de História**

O ensino de História consiste em introduzir para o aluno a leitura de diversas fontes de informação, de modo que o mesmo possa adquirir, pouco a pouco, autonomia intelectual. Logo, neste processo, a intervenção pedagógica do professor deve ser baseada no trabalho de pesquisa histórica, provocando significantes mudanças na compreensão do aluno a respeito de quem escreve a História (BRASIL, 2001).

No desenvolvimento do conhecimento histórico em sala de aula é importante que o professor incentive os alunos a compreenderem medidas de tempo (calendários), que lhes permitam entender a ordenação temporal do seu cotidiano e comparar acontecimentos a partir de critérios de anterioridade, simultaneidade ou posteridade de sua vivência (BRASIL, 2001).

O ensino de História Regional e Local favorece a inserção do aluno dos anos iniciais na comunidade da qual faz parte, favorecendo que crie, desta forma, sua própria historicidade e identidade. Nesta perspectiva, quando o professor trabalha espaços menores, acaba facilitando o entendimento de mudanças, conflitos e permanências, além do estabelecimento de continuidades e de diferenças.

O ensino e a aprendizagem da História têm, sob essa perspectiva, a função de levar o aluno a compreender as semelhanças e diferenças. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais de História e Geografia (2001), isso implica no entendimento das permanências e transformações no modo de vida social, cultural e econômico de sua localidade, no presente e no passado. Dessa maneira, o aluno deve desde pequeno receber um grande número de informações sobre as relações interpessoais e coletivas.

O professor, ao desenvolver estudos comparativos em sala de aula, distingue com o aluno semelhanças e diferenças, permanências e transformações de costumes, de trabalho, de divisão de tarefas, de organização do grupo familiar e de formas de relacionamento com a natureza. De acordo com PCN (2001), os estudos de História Local ajudam os alunos a ampliarem a capacidade de observar seu entorno e a compreender as relações sociais e econômicas existentes no seu próprio tempo e reconhecendo a presença de outros tempos no seu dia-a-dia.

Segundo o PCN (2001), os estudos da História Local conduzem a um diferente modo de viver o presente em outros tempos que existem ou que existiram no mesmo espaço. Assim, os alunos, no Ensino Fundamental, devem iniciar seus estudos históricos no presente, mediante a identificação das diferenças e das semelhanças existentes entre eles, suas famílias e as pessoas que trabalham na escola, entendendo que, “com os dados do presente, a proposta é que desenvolvam estudos do passado, identificando mudanças e permanências nas organizações familiares e educacionais” (PCN, 2001, p. 52).

Segundo Schmidt e Cainelli (2005), um dos principais problemas relacionados ao uso da história local no ensino de História é a definição e a abrangência desse conceito. A História Regional e Local reporta-se à história de um pequeno espaço, escrita por diferentes segmentos sociais e, em muitos

casos, sem ligação nenhuma ou responsabilidade com o conhecimento histórico “verdadeiro”.

## **2.2 A importância do Ensino de História Regional e Local**

A opção pela História Regional e Local como objeto de análise neste estudo esta pautada na perspectiva de confrontar, identificar, compreender, recuperar e tirar do silêncio as memórias que ficaram, por muito tempo, esquecidas na versão da História Oficial trabalhada em sala de aula. Segundo Silva (2004) abordagem de História Local e Regional nem sempre teve importância no mundo acadêmico, somente a partir do final da década de 1980, surgiram trabalhos mais sistematizados relacionados a essa temática. A partir da nova concepção metodológica que surgiu na França em 1929, denominada de Nova História.

Para Schmidt e Cainelli (2005), a valorização da História Local pelos historiadores teve reflexos nas propostas curriculares nacionais, um exemplo disso são os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental (1997-1998) e para o Ensino Médio (1999), os quais abordam temáticas sobre o estudo do meio e da localidade a que o aluno pertence, estabelecendo uma perspectiva renovadora para a aprendizagem histórica.

A importância deste ensino regionalizado e localista na disciplina de história pauta-se na ideia de contribuir para o desenvolvimento de habilidades voltadas a uma nova maneira de pensar a História Regional e Local em termos de aprendizagem e concepções. A História Regional e Local produz a inserção do aluno na comunidade da qual faz parte, favorecendo que forme sua própria historicidade e identidade (SCHMIDT; CAINELLI, 2005).

Para Caprini (2014), o estudo de História Regional enfatiza a necessidade de pesquisar espaços e contextos que ficaram esquecidos, sendo valorizados somente aspectos históricos nacionais ou temas já consagrados. No entanto, não se deve conceber um ensino que imponha somente a versão dos acontecimentos dos vencedores. Segundo Lima (2013), o ensino de História Local é o ponto de partida para a aprendizagem histórica, principalmente nos anos iniciais, possibilitando o trabalho de realidade próxima,

ou seja, das relações sociais que se estabelecem entre educador, educandos, e sociedade e do meio em que vivem e atuam.

O ensino de História Local, para Lima (2013), oportuniza a reflexão permanente acerca das ações dos sujeitos históricos que habitam e participam desse local, permitindo-lhes analisar seu próprio campo de atuação. Assim, a prática de problematizar a História Regional e Local nos anos iniciais contribuirá para que o aluno compreenda o desenvolvimento histórico de sua Cidade e desconstrua a versão oficial, intrinsecamente ligada à versão do “pioneirismo” que considera os pioneiros como “heróis”.

Na maioria dos Municípios e Estados, são os raros os estudos históricos críticos acerca dos aspectos e trajetórias locais e regionais, sendo esta uma grande problemática do ensino de História Regional e Local nos anos iniciais, pois os existentes, geralmente, enfatizam a valorização da figura do “Pioneiro” (MARTINS, 2010). Ou seja, reforçam a versão do vencedor produzindo uma pretensão de validade que alimenta uma postura ideológica de um grupo hegemônico, que busca prevalecer no poder.

O ensino de história não pode ser um instrumento de reprodução de uma memória específica ou produtora de uma amnésia histórica. No ensino de História Regional e Local devemos ficar atentos, conforme enfatiza Azevedo (2003), quem deseja desenvolver essa memória/amnésia?

Para Azevedo (2003), o ensino de História deve romper com as barreiras da repetição de “História estabelecidas,” que geralmente são apresentadas em livros didáticos com papel ideológico camuflado (produtora da amnésia histórica), ocultando outras versões sobre o mesmo fato histórico. Cabe ao professor desenvolver mecanismos para produzir uma conduta pedagógica que traga ao ensino esses sujeitos que a história oficial deixou as margens da própria história. O desenvolvimento desta abordagem nos anos iniciais do Ensino Fundamental possibilita aos alunos condições para romper com a História oficial que valoriza o “pioneiro” como “herói”.

Ao trabalhar com o ensino de História Regional e Local, deve-se indagar sempre como é construído o discurso sobre o pioneiro no livro didático. Segundo Tomazi (1997), a construção do discurso “pioneiro” está esboçado e delineado na apropriação das imagens míticas do “pioneiro” como “fundador” e “desbravador”, que tentam transformar o passado de pequenos atos em fatos

históricos, dotados de significados históricos e capazes de lhes conferirem uma identidade e um lugar na História.

O primeiro grupo a *conquistar* ou a *desbravar* uma dada região fica, geralmente, marcado pelo princípio da legitimidade. Esse ato nos leva a pensar em quais são os elementos que legitimam diversos personagens como “pioneiros” ou os transformam em “heróis” do processo da (re)ocupação da região em estudo. Convém pensar, portanto naquilo e naqueles que são silenciados para que se mantenha este discurso. Para Tomazi (1997), os silenciados compõem dois grupos: um grupo de *silêncios* é aquele que, envolvendo certa cumplicidade, é compartilhado com a sociedade que os interioriza, gradativamente, pelo ensino, pela repetição ou até pelo medo ou repressão. Em sua análise destaca a violência praticada contra os índios, posseiros e muitos outros personagens que viveram numa região e que, pouco a pouco, foram excluídos, silenciados, esquecidos. O outro grupo, o terceiro no processo de colonização, é aquele que se recusa a lembrar as humilhações de fatos que não deram certo na trajetória individual, grupal ou empresarial.

O tipo de silêncio indagado pelo autor é muito significativo, pois permite que não se utilize o passado para criticar a visão triunfalista pautada na ideia de que todos tiveram oportunidades de vencer, mas só alguns conseguiram (TOMAZI, 1997).

Segundo Crestani (2012), a História Regional é capaz de apresentar aspectos não previamente observados em níveis mais amplos como na “História Geral”. Um estudo na ótica regional analisa um menor espaço físico e o conjunto de relações e articulações estruturadas em torno de identidades singulares da localidade ou região em estudo o que favorece o processo de compreensão do espaço em que vivem e agem os sujeitos históricos.

Para Schmidt e Cainelli (2005), o ensino de História local pode ser um mecanismo idôneo para a construção de uma “história mais plural”, ou seja, “menos homogênea”, na qual apareçam outros “sujeitos”, “outras histórias”, que não silencie a multiplicidade de vozes dos que compõem a História. Trabalhando dentro desta dinâmica, o aluno pode se reconhecer como sujeito participante da história, compreendendo os diferentes níveis da realidade, tais como, econômico, político, social e cultural.

Vale recordar que os silêncios são disseminados, internalizados e mantidos por meio dos “livros escolares”, dos “meios de comunicação” e das “festas e comemorações”; todos eles, normalmente controlados pelas instituições que constroem e mantêm uma “*memória histórica vigiada*”. Essa ideia é crescente nos estudos sobre história regional e o crescimento das pesquisas de caráter monográfico, porém não são presentes no caso do Ensino de História Regional e Local. Isto se deve ao fato de que, de acordo com Reckziegel (1999), a história local foi, por muito tempo, tomada como sinônimo de “*menor*”, caracterizada pela mera narração e descrição dos fatos, sem nenhuma preocupação de ordem teórica e metodológica. Compreende-se entretanto, que a História Regional “não deve ser vista como fornecedora de subsídios que, somando, resultariam numa história regional ou numa história geral” (RECKZIEGEL, 1999, p.20).

Segundo Reckziegel (1999), os estudos regionais são manifestações de um tempo que recusa as ditas “*concepções hegemônicas*”, que visam resgatar as particularidades e especificidades locais como maneira de confirmar ou refutar as “*grandes sínteses*” até agora impostas como válidas para as realidades históricas.

O ensino na História Regional e Local parte da memória como evocação do passado, da lembrança e do esquecimento, ou seja, do que é esquecido, rejeitado, apagado da memória. No caso de Toledo, tal forma de entendimento auxilia na reconstituição da história do município em sala de aula.

Por se tratar de um período histórico bastante recente, é necessário compreender a memória coletiva, que segundo Maurice Halbwachs (1990), pode ser analisada como um fenômeno social por ser construída coletivamente e passível de constantes transformações, o que contraria as hipóteses de que a memória seria puramente individual. Na visão do autor, “a memória é resultado do movimento do sujeito no ato da memorização, como também é ação dos diversos grupos sociais em suas histórias, o passado e presente”. (HALBWACHS, 1990, p.32).

Para Jacques Le Goff (2003), a memória coletiva aborda as grandes questões das sociedades desenvolvidas e das sociedades em vias de desenvolvimento, das classes dominantes e das classes dominadas, que lutam pelo poder, e outros que lutam pela sobrevivência. “A memória é um elemento



essencial do que se costuma chamar de identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje” (LE GOFF, 2003, p.469).

Nota-se que a memória coletiva está estreitamente ligada a uma classe social dominante que tem a vigilância e o controle dos arquivos públicos, jornais, meios de comunicações, entre outros, isto é, da memória coletiva. Desse modo, Le Goff (2003) mostra que a história cresce na memória e a alimenta, salvando o passado para servir de base ao presente e ao futuro, mas visando a libertação e não a servidão das classes dominadas.

### **2.3 O Ensino de História Regional e Local nos anos iniciais**

Ao estudar a região ou a localidade, o aluno terá uma compreensão múltipla da História, pelo menos em dois sentidos: na possibilidade de ver mais de uma versão sobre a história local e na possibilidade da análise de “micro-histórias”, pertencentes a alguma outra história que as englobe e, ao mesmo tempo, que reconheça suas particularidades (SCHMIDT; CAINELLI, 2005).

Para Schmidt e Cainelli (2005), a micro-história favorece a recuperação de experiências individuais e coletivas do aluno, ajudando-o a compreender como estão constituídas as realidades históricas mais amplas e produzindo um conhecimento que, ao ser analisado e retrabalhado pelo professor em sala, contribui para a construção de uma nova consciência histórica, uma consciência mais plural de ideias.

Logo, o ensino de História Regional e Local busca apreender várias versões dos fatos históricos, trazendo para a discussão em sala de aula os distintos sujeitos destes fatos, muitos dos quais foram silenciados. Nessa mesma perspectiva, contribui também com o processo de construção do sujeito histórico nos anos iniciais, pois problematiza uma maneira de pensar e fazer a história a partir da sua realidade social, acrescentando questões como o anacronismo, o etnocentrismo e as visões reducionistas e localistas. Por meio da observação da realidade local, a turma pode entrar em contato com os primeiros conceitos históricos e aprender a construir ligações entre o cotidiano e os aspectos mais amplos da vida social.

Tem-se assim, um ensino voltado à necessidade de construir uma história mais plural e menos homogênea na qual o professor não silencie as múltiplas vozes dos diferentes sujeitos participantes da história regional e local.

#### **2.4 A História oficial ensinada em sala de aula no Município de Toledo.**

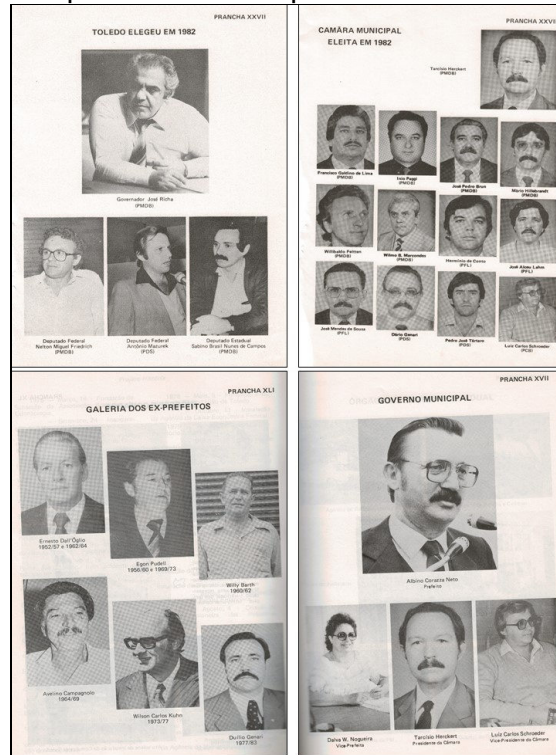
O ensino da História do município de Toledo está pautado na versão dos “grandes homens”, “heróis” calcados na figura do “pioneiro” como responsável pelo desenvolvimento dos municípios que ocuparam.

Uma pesquisa exploratória e descritiva dos materiais didáticos utilizados pelos professores da rede municipal de Toledo, permitiu apontar a *Cartilha de Toledo* (1985), a obra *Toledo e seus Distritos: Repensando os Distritos de Toledo* (1986) e o Livro Didático *Conhecendo Toledo* dos 3º e 4º anos, como materiais mais utilizados em sala de aula pelos professores municipais para o ensino de História Local.

A *Cartilha de Toledo* (1985) apresenta a estrutura governamental, enfatizando a “esfera de governo”, os órgãos municipais” e o “poder Legislativo, Executivo e Judiciário”, bem como, os que estavam no poder, como prefeito, vice-prefeito e secretários municipais e os vereadores do período.

Na Figura 1 e 2 da *Cartilha de Toledo* (1985), nota-se a ênfase na valorização da figura dos sujeitos que estavam no poder, sem a preocupação de apresentar qual a importância de sua função enquanto representante do povo. O mesmo pode ser notado em relação aos poderes legislativo e judiciário. Esquecendo de outros sujeitos históricos que estavam presentes no Oeste do Paraná, principalmente no município de Toledo, tais como: Índios; Nortista; Paraguaio; Argentino.

FIGURA 1: Os representantes do poder na cartilha de Toledo 1985.



Fonte: Cartilha de Toledo, 1985.

FIGURA 2: A representação de alguns pioneiros que se “destacaram” na história de Toledo.



Fonte: Cartilha de Toledo, 1985.

Entre os vários exemplos dessa valorização da figura do Pioneiro, um parece ter especial relevância que no qual é o Padre Antonio Patuí, sendo ele homenageado no Parque dos Pioneiros” como um estatueta. No volume preparado para o terceiro ano do livro *Conhecendo Toledo*, a figura deste personagem é trabalhada num item denominado “Conhecendo um pouco mais sobre a educação do município de Toledo no passado e no presente”. Neste trecho, o referido Padre é cultuado como o único responsável pelo desenvolvimento educacional do município, mesmo não tendo criado um colégio público e sim um colégio privado.

Pela interferência do Pe. Antonio Patuí, foi possível a vinda de três irmãs da congregação vicentina para Toledo, Ir. Verônica Sawtcuk, Ir. Lúcia Mikosz e Ir. Elia Bassani. A chegada delas foi em 01 de fevereiro de 1948, em 01 de março deste mesmo ano iniciou o funcionamento da Escola Imaculado Coração de Maria (ICOMAR), no prédio da Igreja, no prédio da igreja, na rua 7 de setembro. O início das atividades escolares foi comemorado pelos moradores de Toledo e, hoje, o Colégio INCOMAR é visto e respeitado pelos Toledanos como colaborador do desenvolvimento sócio-cultural e educacional do município(CONHECENDO...SD)

Desconstruir a memória oficial ensinada em sala de aula no município de Toledo é uma atividade que pode ser definida como um processo de rompimento com o enaltecimento de sujeitos, de fatos e de situações que evoquem uma história linear, do fato pelo fato, desprovida de crítica.

Percebe-se que nesta referência presente no material do 3º ano, há uma falta de problematização, para a “[...] apreensão de várias histórias lidas com base em distintos sujeitos da história, bem como de histórias que foram silenciadas, isto é, que não foram institucionalizadas sob a forma de conhecimento histórico” (SCHMIDT; CAINELLI, 2004, p. 114).

Com base no argumento acima, de Schmidt e Cainelli (2004), entende-se que o professor deve desenvolver sua prática docente sem favorecer unicamente a recuperação de experiências individuais como a do pioneiro como herói. Do contrário, incorre-se no erro de ensinar uma história unilateral, como a que se pode perceber na seguinte citação:

A caravana liderada por Zulmiro Ruaro, que era irmão de Alfredo Ruaro (fundador de Toledo e 1º diretor da Colonizadora Maripá); veio em um caminhão Ford 42, dirigido por Orlando Cambuzzi Thomé. Vieram também Juvenildo Lorandi, Antônio Scain, Luiz Scain, Ângelo

Gobbi, José Drago, Marcilio Molon, Masueto Molon, Gregório Sapcin, Avelino Pretto, Ivo Zago, Atalípio Bohne e Pedro Rudolfino, entre outros. Algumas dessas pessoas são hoje homenageadas com nome de escola, rua, entre outros. (CONHECENDO...SD).

O ato de rememorar os pioneiros não está presente somente nos livros didáticos *Conhecendo Toledo*, apesar de se tornarem aí uma referência clara no momento em que são lembrados como sujeitos homenageados com o nome de escolas, ruas, prédios públicos. Perfaz-se nessa prática uma forma de perpetuar a memória hegemônica do pioneiro-herói, como na forma retratada na seguinte citação: “A grande tarefa de Alfredo Ruaro teria de começar com a abertura de estradas e clareiras no meio de uma selva inóspita” (CONHECENDO...SD).

Outro ponto que merece destaque no livro *Conhecendo Toledo*, volume do 4º ano, é a referência a uma fala de Oscar Silva, que pode-se considerar como anedota da história de Toledo e, principalmente, como estranha, ao definir “trabalho alienígena”, conforme segue: “Alfredo Paschoal Ruaro se viu em apuros do dia para a noite, sem pessoal para trabalho. [...] Tendo de aguardar a vinda de novos gaúchos, catarinenses, [...] chegou então a apelar para a força de trabalho alienígena e utilizou paraguaios na abertura de estradas e clareiras [...]”.(CONHECENDO...SD). Pode-se entender a utilização do trabalho alienígena como trabalho do indígena que foi esquecido na história do município de Toledo.

## **2.5 Procedimentos didáticos e metodológicos para a desconstrução da memória oficial ensinada em sala de aula**

Os professores dos anos iniciais, ao trabalharem a História Regional e Local em sala de aula, devem ter clareza de que o primeiro procedimento a desenvolver com os alunos é a noção de tempo, utilizando da construção da linha do Tempo da História de vida destes sujeitos.

A partir do momento em que os alunos constroem a sua linha do tempo, podem mais facilmente compreender noções de sucessão ou ordenação; duração; simultaneidade; semelhanças; diferenças; mudanças e permanências da História de sua vida.

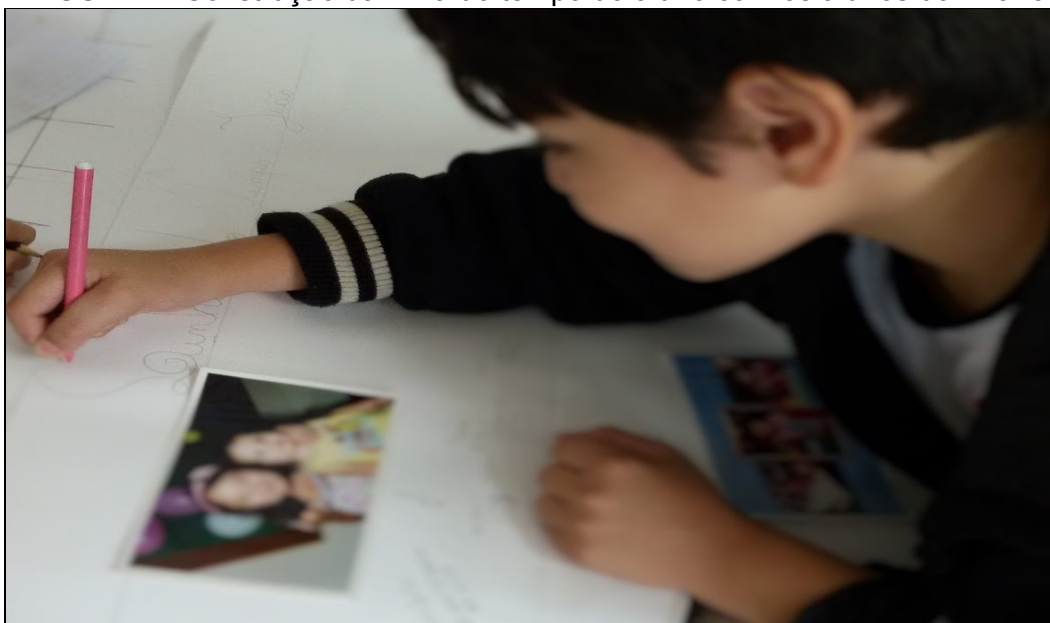
FIGURA 3: Construção da linha do tempo do aluno com os alunos do 4º ano.



Fonte: Escola Municipal Egon Werner Bercht (2015).

A Figura 3 apresenta um aluno do 4º ano da Rede Municipal de Ensino de Toledo desenvolvendo uma atividade referente a sua linha do Tempo no foco da linha do tempo de sua História. No encaminhamento metodológico, a professora optou pela construção de marcadores temporais da vida, respectivamente, o nascimento, o batismo, o primeiro dia na escola, o nascimento de irmãos, os fatos históricos marcantes na vida.

FIGURA 4: Construção da linha do tempo do aluno com os alunos do 4º ano



Fonte: Escola Municipal Egon Werner Bercht (2015).

O trabalho com a construção da linha do tempo do aluno, conforme se observa nas figuras 3 e 4, favorece que o aluno se reconheça como sujeito histórico e, também, como participante ativo da história. Além de reconhecer diferentes maneiras possíveis de periodizar a História, a partir da história da vida.

A construção da linha do tempo do aluno, dessa forma, é o primeiro ponto para a desconstrução da memória oficial, pois leva o aluno a refletir sua importância enquanto sujeito histórico e a de sua família. A linha do tempo do aluno feita em sala de aula possibilita a discussão de datas e períodos destacados como marcadores temporais de sua história.

Após a confecção da linha do tempo, o próximo passo é o de construir a linha do tempo do Município (Figura 5), levando o aluno a observar a “sucessão de eventos da história regional e local”, a “simultaneidade de eventos” que ocorram na história do Paraná ou até mesmo do Brasil (BARATZ, 2015).

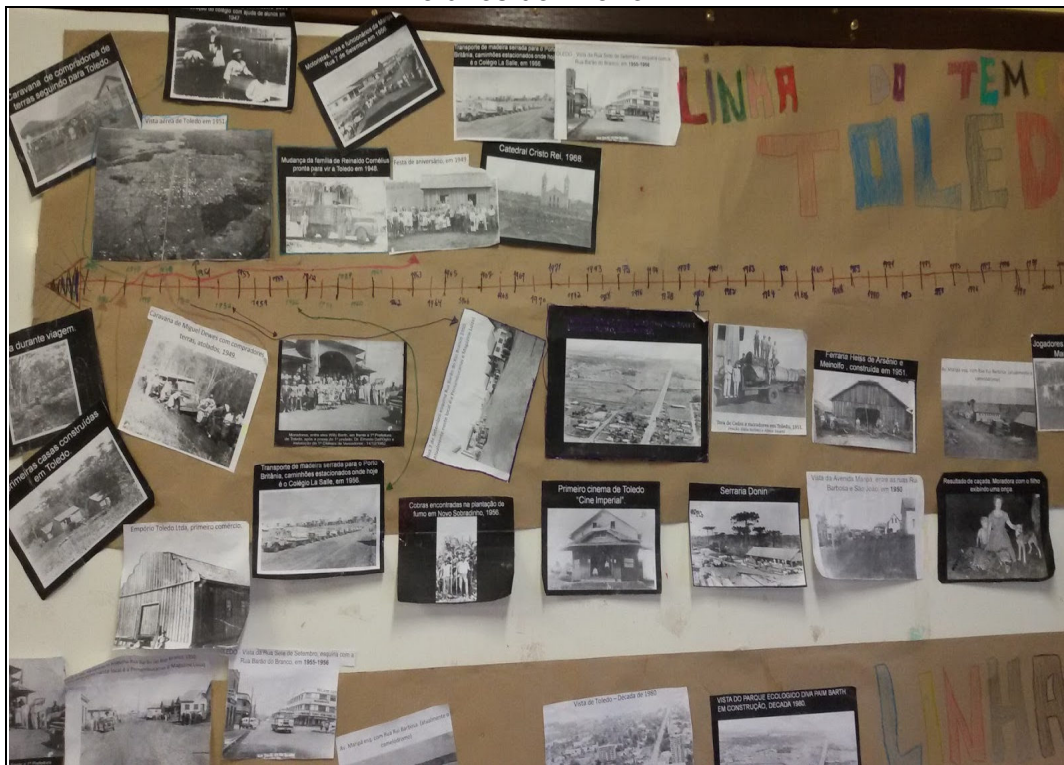
FIGURA 5: Construção da linha do tempo do município de Toledo, com os alunos do 4º ano.



Fonte: Escola Municipal Egon Werner Bercht (2015).

Ao construir essa linha do tempo da História de Toledo, o professor, além de construir com os alunos os marcadores temporais, deve questionar quais são os sujeitos que se destacam na história do município e a existência de monumentos, escolas, prédios públicos, ruas, estradas, entre outros locais que tenham referência histórica a esses sujeitos.

FIGURA 6: Construção da linha do tempo do município de Toledo, com os alunos do 4º ano.



Fonte: Escola Municipal Egon Werner Bercht (2015).

Após a construção da linha do tempo da história de Toledo conforme demonstrado na figura 6, a próxima atividade que o professor pode desenvolver com os alunos visando a desconstrução da história oficial presente nos livros é a entrevista com seus avós, vizinhos, pais, moradores de seu bairro, levando-os a comparem a história oficial dos livros com os depoimentos, afim que estabeleçam, as primeiras noções de diferenças e semelhanças. (PORTILHO, 2014).

Para a não reprodução da versão oficial contida na *Cartilha de Toledo* e nos livros *Conhecendo Toledo* é necessário que o professor utilize fontes históricas em sala de aula, que podem ser fontes ou secundárias. O trabalho



com fontes históricas em sala de aula é rico e familiariza os alunos com os instrumentos que os historiadores utilizam para contar a história.

As fontes históricas ajudaram no processo de contestação da história oficial que está presente no material didático, pois trazem outra versão da história que não está presente.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A cartilha e os livros didáticos utilizados pelos professores da rede municipal de Toledo, na maioria dos casos, ainda reforçam a imagem e os discursos produzidos pelas empresas colonizadoras, contribuindo, dessa forma, para a preservação de determinados estereótipos sobre a formação econômica, social e política do município.

A opção pela História Regional e Local como objeto de análise permitiu o confronto de posições entre a versão oficial e o silêncio das memórias esquecidas nesta versão. O professor tem, nesse processo, o papel de fomentar uma abordagem metodológica que não reproduza um processo linear de colonização da cidade.

Apesar disso, a *Cartilha de Toledo* e os livros didáticos *Conhecendo Toledo* apresentam a versão dos acontecimentos dos fatos sob o foco dos vencedores, reforçando somente a versão dos “pioneiros” ligados à Industrial Madeireira Colonizadora Rio Paraná Ltda. – MARIPÁ e à elite local. Esta história é marcada pelo foco da imposição e deixa a margem da história os outros sujeitos que participaram do processo.

O ensino de História Regional e Local contribui no processo de construção do sujeito histórico nos anos iniciais, pois favorece uma maneira de pensar e fazer a história a partir da realidade social, com todas as suas problemáticas, incluindo as questões de anacronismo, etnocentrismo e perspectivas reducionistas e localistas de visão histórica. Essa estratégia de ensino permite a inserção do aluno na comunidade da qual faz parte e amplia os meios para que ele mesmo crie sua identidade histórica na memória coletiva. A realidade local, nesse ínterim, permite que o aluno entre em contato

com os primeiros conceitos históricos e compreenda todos os meandros da memória coletiva, construindo ligações entre seu cotidiano e a vida social.

## REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Patrícia Bastos. **Ensino de história e memória social: A construção da história-ensinada em uma sala de aula dialógica**. Niterói: Universidade Federal Fluminense. 2003. [Dissertação de Mestrado].
- BARATZ, Jaime. **Identificação de marcadores temporais**. 2015. Disponível em: <http://www.gentequeeduca.org.br/planos-de-aula/identificacao-de-marcadores-temporais> Acessado em: 17 de agosto de 2015.
- BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: História e Geografia**. Ministério da Educação/Secretaria da Educação Fundamental. 3. ed. Brasília: Secretaria, 2001.
- CAPRINI, Aldieris Braz Amorim. **Pesquisa em História Regional: aspectos conceituais e metodológicos**. 2014. Disponível em: <http://www.ilb.ufop.br/IIIsimposio/64.pdf> Acessado em: 20 de março de 2015.
- CRESTANI, Leandro de Araújo. **Conflitos Agrários e Mercado de Terras nas Fronteiras do Oeste do Paraná (1843/1960)**. 2012. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional e Agronegócio) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná/Campus de Toledo.
- ESCOLA MUNICIPAL EGON WERNER BERCHT. **Linha do Tempo - 4º ano A**. Disponível em: <http://escolaegon.blogspot.com.br/2015/06/linha-do-tempo-4-ano-a.html> Acessado em: 28 de julho de 2015.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo, Vértice, 1990.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.
- LIMA, Idelsuite de Sousa. **A Abordagem do Ensino de História Local nos Livros Didáticos das Séries Iniciais**. 2013. Disponível em: <<http://www.ichs.ufop.br/perspectivas/anais/GT0801.htm>>. Acesso em: 01 de novembro de 2014.
- MARTINS, Marcos Lobato. História Regional. In: PINSKY, Bassanezi (Org.) **Novos temas nas aulas de história**. São Paulo: Contexto, 2010.
- NIEDERAUER, Ondy Helio. **Toledo no Paraná: a história de um latifúndio improdutivo, sua reforma agrária, sua colonização, seu progresso**. Toledo: Grafo-Set, 1992.
- BERG, Kalervo; JABINE, Thomas. **Toledo: um município da fronteira Oeste do Paraná**. Rio de Janeiro, 1960.
- PAWELKE, J. **Ficando rico no Oeste do Paraná**. Marechal Cândido Rondon: Igreja Martin, 1970.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, v. 5, nº 10, 1992.
- PORTILHO, Gabriela. **História local e do cotidiano para 1º, 2º e 3º anos**. 2014. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/fundamental-1/roteiro-didatico-historia-local-cotidiano-1-2-3-anos-shtml-640515.shtml?page=1> Acessado em: 17 de agosto de 2015.

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE TOLEDO. **Conhecendo Toledo**: Ciências da Natureza, Geografia e História – 3º ano. Toledo: Secretaria Municipal da Educação. S/D.

\_\_\_\_\_. **Conhecendo Toledo**: Ciências da Natureza, Geografia e História – 4º ano. Toledo: Secretaria Municipal da Educação. S/D.

RECKZIEGEL, Ana Luiza Setti. História Regional: dimensões teórico-conceituais. **Revista História: debates e tendências**. Passo Fundo. V.1, n.1, 1999, p. 15-22.

REGINATO, Pedro. **História de Palotina 1954/1979**. Santa Maria: Palloti, 1979.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. História local e o ensino da História. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. **Ensinar História**. 1.ed. 2ª imp. São Paulo: Editora Scipione, 2005.

SCHNEIDER, Claércio Ivan. **Os senhores da terra**: produção de consenso na fronteira (Oeste do Paraná, 1946-1960). Curitiba: UFPR, 2001. [Dissertação do Mestrado em História].

SILVA, Luis Carlos Borges da. A importância da História regional e local no Ensino Fundamental. **ANAIS do III Encontro Estadual de História: Poder, Cultura e Diversidade – ST 04: História e Educação: sujeitos, saberes e práticas**. Disponível em:

[http://www.uesb.br/anpuhba/artigos/anpuh\\_III/luis\\_carlos.pdf](http://www.uesb.br/anpuhba/artigos/anpuh_III/luis_carlos.pdf) Acessado em: 15 de junho de 2015.

SILVA, Marcos A. da (Coord.). **República em Migalhas**: História Regional e Local. São Paulo: Ed. Marco Zero, 1990.

SILVA, Oscar; MACIEL, Clori Fernandes. **Toledo e sua história**. Toledo: Prefeitura Municipal, 1988.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: História oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TOMAZI, Nelson Dacio. **“Norte do Paraná”**: História e Fantasmagorias. Tese de Doutorado - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1997.